

**REPRESENTAÇÃO LEXICAL DOS VERBOS DE MOVIMENTO COM TRAJETÓRIA NÃO ESPECIFICADA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO****LEXICAL REPRESENTATION OF MOTION VERBS WITH NON-SPECIFIC PATH IN BRAZILIAN PORTUGUESE**

Morgana Fabiola Cambrussi<sup>1</sup>  
Talita Veridiana Hack Poll<sup>2</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa investiga a decomposição lexical em primitivos semânticos dos *verbos de movimento com trajetória que não especificam direção* (verbos do tipo de *atravessar*) do português brasileiro. O referencial teórico vincula-se, especificamente, aos estudos de semântica lexical e de semântica cognitiva. Nosso objetivo é analisar o comportamento gramatical dos *verbos de movimento com trajetória que não especificam direção* do PB, a partir das regras de representação lexical definidas por Rappaport-Hovav e Levin (2010). Os resultados do estudo indicam que verbos do tipo de *atravessar*, ainda que se diferenciem dos verbos do tipo de *subir* quanto à lexicalização de *direção*, podem ser descritos pelas mesmas regras de representação lexical que os demais, pois ambos os tipos de verbos têm em comum uma *estrutura semântica geral*, que é o significado de *deslocamento por uma trajetória*. Ainda, os resultados apontam que a *direção* não é um elemento gramaticalmente relevante, portanto, não impacta na representação lexical dos *verbos de movimento com trajetória* do PB, e também, que verbos de movimento com trajetória compõem uma classe heterogênea, pois lexicalizam *direção* de maneiras distintas.

**PALAVRAS-CHAVE:** verbos de movimento; verbos de movimento com trajetória; classes verbais; lexicalização.

**ABSTRACT:** This research aims at investigating the lexical decomposition in semantic primitives of verbs of motion with non-specific path (e.g. *atravessar*) in Brazilian Portuguese. The theoretical framework is based on lexical semantic studies and cognitive semantics. Our objective is to analyze the grammatical behavior of verbs with non-specific path in BP according to the rules of lexical representation by Rappaport-Hovav e Levin (2010). The findings in the investigation show that although verbs such as *atravessar* (to cross) can be set apart from verbs such as *subir* (to go up), in regards to their lexilization related to path, such verbs can also be described according to the same rules of lexical representation of the aforementioned verbs, once such verbs have in common a general semantic structure, which is the meaning related dislocation based on path. Furthermore, the results show that direction is not an aspect which is grammatically relevant, therefore, it does not impact the lexical representation of motion verbs with specific path in BP. Moreover, verbs of motion with a specific path represent a hegemonic class as these lexicalize direction in different ways.

**KEYWORDS:** motion verbs; motion path verbs; verb classes; lexicalization.

## 1 Introdução

Este artigo analisa a decomposição do significado lexical dos *verbos de movimento com trajetória que não especificam direção* do português brasileiro (PB). Temos como objetivo descrever o comportamento linguístico desses predicadores (verbos do tipo de

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Chapecó, no Curso de Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7061-6981>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6043221891913034>. E-mail: [morgana@uffs.edu.br](mailto:morgana@uffs.edu.br).

<sup>2</sup> Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6561-2604>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9157163243638338>. E-mail: [talitaveridiana@hotmail.com](mailto:talitaveridiana@hotmail.com).

*atravessar*, que indicam movimento por uma trajetória, porém, sem identificação de direção), com base nas regras de representação lexical elencadas por Rappaport-Hovav e Levin (2010), e também, apresentar uma proposta de análise.

Inicialmente, a questão que se levanta é *verificar se os verbos de movimento com trajetória que não especificam direção podem ser descritos pelas mesmas regras de representação lexical que os verbos que possuem direção especificada em sua raiz lexical*. A proposta de estudo surge das diferenças de lexicalização apresentadas por *verbos de movimento com trajetória* do tipo de *subir* e do tipo de *atravessar*, que se distinguem quanto à especificação ou não especificação da direção do movimento: *subir* (ir de um ponto a outro, para cima) e *atravessar* (ir de um ponto a outro, sem direção determinada).

Ao destacar a não especificação de direção verificada em alguns verbos, Rappaport-Hovav e Levin (2010, p. 30, tradução livre), comentam que “[...] o verbo *cruzar* pode ser aplicado de igual forma, tanto se a travessia do Canal da Mancha é da Inglaterra para a França ou da França para a Inglaterra”. Este postulado aponta que há uma distinção apresentada por verbos como *cruzar* e *atravessar* quando comparados com verbos como *subir*, *descer*, *entrar*, pois aqueles aparentam não possuírem os pontos de origem e meta do movimento especificados na raiz lexical, diferentemente do que ocorre com verbos do tipo de *subir*.

Nossa hipótese é a de que, apesar de não especificarem a direção do movimento, os verbos do tipo de *atravessar* não se distinguiriam dos demais integrantes da classe em termos de comportamento gramatical, pois uma classe é determinada pela estrutura semântica dos verbos que a compõem e não pelo conteúdo semântico.

Conforme apontado por Poll (2019), a classe dos *verbos de movimento com trajetória que não especificam direção* é composta por verbos do tipo de *atravessar*, que apresentam um sentido de *movimento + direção*. E os verbos do tipo de *atravessar* diferem dos verbos do tipo de *subir* quanto à especificação da *direção do movimento*, pois mapeiam informações de *deslocamento por uma trajetória*, mas a direção do movimento não é lexicalmente predeterminada, diferenciando-se dos verbos do tipo de *subir*.

Segundo Talmy (1985, 2000)<sup>3</sup>, que assegura que as línguas podem ser classificadas segundo padrões tipológicos de lexicalização<sup>4</sup>, o PB seria uma língua que apresenta o padrão *frame no verbo*, por ser uma língua românica<sup>5</sup>, o que significa que TRAJETÓRIA e MOVIMENTO são codificados pela raiz verbal. Por exemplo, *subir*, caso prototípico de verbo de movimento com trajetória, expressa a TRAJETÓRIA (direção) *para cima*, de um movimento realizado por uma FIGURA. Aplicado à sentença *O gato subiu a escada*, verificamos que *subir* lexicaliza a TRAJETÓRIA direcionada (para cima) de um MOVIMENTO, realizado pela FIGURA (gato). Todas essas informações codificadas pelo verbo podem ser entendidas como *deslocamento de uma figura no espaço (para cima)*, em que o movimento direcionado é predeterminado (ir de um ponto baixo para um ponto alto no espaço).

Em comparação, verbos de tipo de *atravessar*, que possuem em sua raiz lexical a codificação de *deslocamento no espaço*, não possuem os pontos de *origem* e *meta* predeterminados, ao contrário do que ocorre com *subir*. Embora possamos compreender que *O gato atravessou a rua* expressa que o felino *deslocou-se de um ponto X para um ponto Y no espaço*, não sabemos qual era o ponto de partida e o ponto final da travessia.

<sup>3</sup> Para o autor, o Evento de Movimento é composto por quatro componentes: uma FIGURA que se move em relação a um objeto de referência ou FUNDO, a TRAJETÓRIA e o MOVIMENTO.

<sup>4</sup> Os padrões tipológicos de lexicalização elencados pelo autor são: *frame no verbo*, *frame na figura* e *frame no satélite*.

<sup>5</sup> O autor não se refere diretamente ao português em seus estudos, mas às línguas românicas, entre elas o espanhol, como pertencentes ao padrão de lexicalização com *frame no verbo*.

Pelo que se pode observar até aqui, existem diferenças de lexicalização no que se refere à *direção* do movimento expressa por verbos do tipo de *subir* e do tipo de *atravessar*. Enquanto verbos como *subir*, *entrar*, *sair*, possuem predeterminados os pontos de *origem* e *meta* do *deslocamento por uma trajetória*, verbos como *atravessar*, *cruzar*, *varar*, *vadear*, não possuem essas informações predeterminadas em sua raiz. Embora apresentem essas diferenças, tanto verbos do tipo de *subir* quanto verbos do tipo de *atravessar* são classificados como *verbos de movimento com trajetória*.

Na seção seguinte, abordamos a representação lexical em primitivos semânticos dentro do quadro teórico da Semântica Lexical, área na qual este trabalho se insere. Detalharemos as diferenças entre *conteúdo* e *estrutura semântica*, baseando-nos em Grimshaw (2005), e assumiremos, junto com a autora, que a parte do significado lexical que possui relevância gramatical é a que se refere à estrutura semântica.

Depois, apresentamos as propriedades semânticas que envolvem os verbos de trajetória, e sustentamos que *trajetória*, *direção*, *movimento* e *deslocamento* são propriedades semânticas que não se sobrepõem. Na quarta seção, ilustramos, com as teorias de Jackendoff (1990) e Pinker (1989), como teóricos lexicalistas formalizam estruturas de predicados para *verbos de movimento com trajetória*.

Na quinta seção, apresentamos a decomposição lexical dos verbos de trajetória, verificada a partir das regras de representação lexical de Rappaport-Hovav e Levin (2010) e propomos uma alteração na regra para os *verbos de trajetória* do PB, pois consideramos que a forma elaborada pelas autoras não evidencia integralmente a informação expressa pela classe verbal. E, finalmente, na última seção, assumimos que os *verbos de movimento com trajetória que não especificam direção* podem ser descritos pelas mesmas estruturas de representação que os demais integrantes da classe.

## 2 Representação do significado lexical em predicados primitivos

Em Semântica Lexical, classes verbais são estudadas a partir da observação das relações entre o significado lexical e a estrutura sintática. Nesse sentido, classes verbais são delimitadas por apresentarem comportamento sintático e propriedades semânticas similares e gramaticalmente relevantes (LEVIN, 1993). Outro recurso analítico empregado é a identificação das categorias conceituais mobilizadas e sua decomposição em predicados.

Para Levin e Rappaport-Hovav (2005, p. 69, tradução livre), a decomposição de predicado é “[...] uma representação do significado formulada em termos de predicados primitivos escolhidos para representar componentes de significado recorrentes entre grupos de verbos.” Entretanto, para serem considerados como uma classe, não é suficiente que os verbos compartilhem propriedades semânticas, mas essas propriedades precisam ter relevância gramatical, ou seja, ter expressão linguística, além de valor conceitual.

De acordo com Levin e Rappaport-Hovav (1995; 2005), as decomposições de predicados são elaboradas para que verbos que compõem a mesma classe semântica possuam decomposições com subestruturas comuns, com raízes do mesmo tipo *ontológico* ocupando a mesma posição nas subestruturas. Isso significa que classes semânticas de verbos são definidas por compartilharem uma decomposição de predicado. E, segundo as autoras, se as decomposições forem adequadamente escolhidas, os membros das classes compartilharão propriedades gramaticais, incluindo as propriedades relevantes para definir a realização argumental.

As *regras de representação lexical*, portanto, constituem uma metalinguagem que tem por função capturar aspectos semânticos e propriedades sintáticas das classes verbais pela utilização de predicados primitivos. Para compreender como funcionam essas estruturas de representação do significado lexical, deve-se conceber que o significado verbal pode ser

dividido em duas partes. Grimshaw (2005, p. 75) argumenta que as propriedades semânticas dos predicados se dividem em dois tipos de informações fundamentalmente distintos: *conteúdo semântico* e *estrutura semântica*.

São da ordem da estrutura semântica as informações cuja abrangência inclui relações gramaticais ou mesmo interferência na expressão linguística, a exemplo da estrutura argumental – uma informação semântica que se vincula à sintaxe e que é estrutural para itens lexicais. Essa é a posição sustentada por Grimshaw (2005), para quem a expressão sintática dos argumentos de um predicado é determinada pela *estrutura semântica*.

A autora ilustra essa questão a partir da clássica distinção entre inergativos e inacusativos. Predicados de mudança de estado são inacusativos, isto é, não possuem argumento externo nem sujeito na estrutura profunda, como em “The water cooled” e “The plant grew”. (GRIMSHAW, 2005, p. 77). Em contraposição, a autora mostra que predicados de atividade são inergativos: apresentam argumento externo, como em “She shouted” e “He wrote”. (GRIMSHAW, 2005, 77). A partir dos exemplos, Grimshaw mostra como funciona a codificação da semântica lexical para a estrutura sintática, e assegura que o ponto importante dessa distinção é que o mapeamento depende de certos aspectos semânticos dos predicados e de outros não. Na visão da autora, possui relevância se o predicado codifica uma mudança de estado ou atividade, mas não é relevante se se refere à temperatura (da água) ou ao tamanho (da planta), e isso ocorre em razão de que esses aspectos se referem ao conteúdo semântico e não impactam na estrutura argumental.

A distinção postulada pela autora é coerente com o que Levin e Rappaport-Hovav (1995) sustentam sobre as classes verbais serem delimitadas por compartilharem uma decomposição de predicado. Nessa perspectiva, a parte do significado responsável por definir uma classe verbal é o aspecto de estrutura semântica, em que o primitivo é o elemento semântico relevante do significado verbal por ser estrutural e compartilhado com os demais membros da classe. Por outro lado, o conteúdo semântico é a parte do significado que diferencia os membros da classe, o que as autoras chamam de *idiossincrático*, que é específico para cada item.

Tendo apresentado a decomposição lexical em primitivos semânticos, bem como a distinção entre *conteúdo* e *estrutura semântica*, a seguir, apresentamos as propriedades semânticas que envolvem os *verbos de trajetória*.

### 3 Propriedades semânticas dos verbos de movimento com trajetória

Antes de passarmos à análise da estrutura semântica dos verbos de movimento com trajetória, vamos apresentar algumas questões que envolvem esse grupo de verbos. Os *verbos de movimento com trajetória* incluem diferentes elementos semânticos: *movimento*, *deslocamento*, *trajetória* e *direção*. Todos esses elementos são propriedades semânticas relacionadas a eventos de movimento, entretanto, *movimento* e *deslocamento*, assim como *trajetória* e *direção* apresentam distinções, portanto, não são propriedades intercambiáveis.

Conforme Ciama (2017), *deslocamento* implica *movimento*, contudo *movimento* não implica deslocamento, além disso, conforme a autora, o *deslocamento* pressupõe uma *mudança de lugar*. Nesse sentido, sempre que um verbo lexicaliza *deslocamento*, ele também lexicaliza *movimento*, como *entrar*, *sair*, *atravessar*. Por outro lado, há verbos que lexicalizam *movimento*, mas não implicam *deslocamento*, como *dançar*, *girar*, *deslizar*, que descrevem um *modo de movimento*<sup>6</sup> e não resultam em *mudança de localização*.

No que se refere à *trajetória* e à *direção*, diferenciam-se porque TRAJETÓRIA é entendida como o percurso realizado por uma FIGURA (de um ponto X para um ponto Y), o

<sup>6</sup> Os *verbos de movimento* são tradicionalmente divididos em duas classes: *verbos de trajetória* e de *modo de movimento*.

que é diferente de *direção*, visto que esta é entendida como um elemento que especifica o sentido do deslocamento, determinando a *origem* e/ou a *meta* do movimento (pontos X e Y determinados, sentido do movimento determinado). Por exemplo, em uma sentença como “Joana *subiu* a Serra da Canastra”, a TRAJETÓRIA percorrida equivale ao *percurso de deslocamento de um ponto X para um ponto Y* (de um ponto mais baixo para um ponto mais elevado) e a *direção* é o sentido para o qual se deu o movimento, especificada pela própria raiz lexical de *subir* (deslocamento para cima = sentido do movimento determinado). De outro modo, “João *atravessou* a ponte” também expressa o *deslocamento* por uma TRAJETÓRIA *de um ponto X para um ponto Y*, contudo, não possui os pontos de origem e meta lexicalizados e não se pode precisar em qual sentido se realizou o movimento (da esquerda para a direita ou o contrário? Atravessou a ponte longitudinalmente? Diagonalmente? Transversalmente?).

Como se pode observar, *verbos de trajetória* codificam *deslocamento de um ponto X para um ponto Y* na raiz lexical. Entretanto, há casos em que *trajetória* e *direção* compõem o significado de itens lexicais, como *subir*, que expressa a realização de *deslocamento* por uma *trajetória* com *direção* especificada (*subir* = ir para cima); e casos em que o *deslocamento* por uma *trajetória* é lexicalizado, mas a *direção* do movimento se mantém inespecífica (*atravessar* = ir de um lado para o outro lado, indistintamente).

Observa-se que *verbos de movimento com trajetória* e *direção* intrinsecamente marcada incluem em seu significado uma especificação de *direção* do movimento, mesmo quando não há um complemento direcional. Isso ocorre porque o próprio verbo especifica a *direção* e não necessita de nenhum outro elemento advindo por composicionalidade que especifique a *direção*. Sobre isso, Poll (2019) e Cambrussi e Poll (2020) ilustram, com o teste de adjunção, como a composicionalidade sentencial, pelo acréscimo de sintagmas direcionais, causa redundância<sup>7</sup>, quando verbos do tipo de *subir* são combinados a sintagmas direcionais que repetem a informação expressa pelo verbo, ou anomalia semântica, quando combinados com sintagmas que indicam *direção* distinta da lexicalizada (*subir para cima* = redundância; *#subir para baixo* = anomalia semântica). Já os verbos do tipo de *atravessar* podem se combinar com sintagmas direcionais por não possuírem tais restrições impostas pela raiz lexical, ou seja, “os verbos do tipo de *atravessar* não possuem uma especificação semântica delimitada, e, por esse motivo, aceitam combinar-se com diferentes sintagmas direcionais” (POLL, 2019, p. 92).

Cabe ressaltar que os verbos de movimento com trajetória são também classificados por Rappaport-Hovav e Levin (2010) como *verbos de resultado* por lexicalizarem *deslocamento no espaço* e terem como *resultado* uma *mudança de localização espacial* ou *mudança de lugar*. Nesse sentido, a informação expressa por esses verbos é *mudança de localização espacial com um lugar resultante*, posição que seguimos também neste trabalho. Além disso, não estamos considerando os verbos de trajetória causativos, aqueles em que uma *figura* sofre *deslocamento* por ação de outra, como em Joana *levou* o filho para a escola, em que “o filho” sofre *deslocamento* por ação de Joana (X age e causa o deslocamento de Y). Nosso recorte, portanto, é delimitado aos verbos de trajetória não estritamente causativos, em que a *figura realiza o movimento e sofre deslocamento*, como em Joaquim *desceu* a escada.

Na próxima seção, exploraremos, com base nas estruturas elaboradas por Jackendoff (1990) e Pinker (1989), como a estrutura semântica dos verbos de trajetória é disposta em

<sup>7</sup> São recorrentes, em PB, usos como *entrar para dentro*, *subir para cima*, *descer para baixo*. Não advogamos que esses usos sejam desprovidos de qualquer acréscimo informacional, entretanto, a combinação V + SP, nesses casos, evidencia duplicidade de informação semântica e, independente da função que essa duplicação possa ter, interessa-nos apenas que ela exista, do que decorre nosso argumento de que a duplicação comprova a especificação de *direção* lexicalizada pelo verbo, já que se origina do conteúdo lexical e do adjunto direcional.

predicados primitivos e, para a diferenciação entre *conteúdo* e *estrutura semântica*, destacamos as contribuições de Grimshaw (2005).

#### 4 Estrutura semântica dos verbos de movimento com trajetória

Ao formalizar um modelo de representação das estruturas lexicais, Jackendoff (1990, p. 43) elabora a estrutura conceitual do tipo EVENTO<sup>8</sup>, que envolve os *verbos de movimento*, e é formada pelo constituinte IR, que codifica o *movimento* de uma ENTIDADE por uma TRAJETÓRIA:

(1) [Evento IR([ENTIDADE], [TRAJETÓRIA])]

Os constituintes dessa estrutura são os elementos primitivos, aos quais nos referimos como *default*: são elementos semânticos básicos que completam o sentido dos verbos. Essa categoria ilustra uma estruturação mais abstrata de um item lexical, nesse caso, o *verbo de trajetória*, que codifica um evento equivalente ao *deslocamento de uma figura de um ponto X para um ponto Y*, como se pode verificar a seguir:

(2) Raquel *entrou* em casa.

(3) [Evento IR ([Entidade RAQUEL], [Trajetória EM ([Lugar CASA]]))]

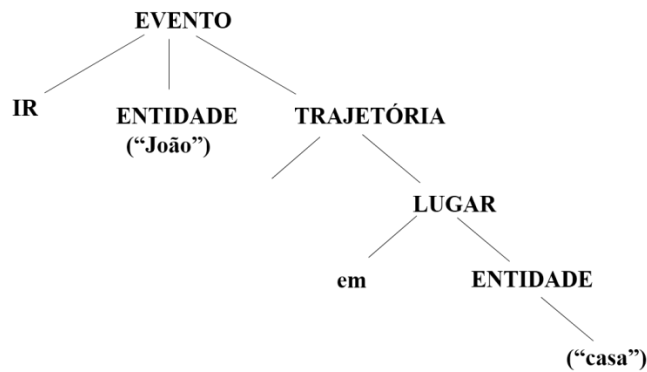
Em (2), a ENTIDADE “Raquel” efetua o *deslocamento* por uma TRAJETÓRIA que equivale a *ir de um ponto X “fora” para um ponto Y “dentro”* (3), e o SP<sup>9</sup> mapeia a TRAJETÓRIA do evento IR realizado pela *entidade/figura*. O exemplo mostra que a categoria TRAJETÓRIA demanda dois argumentos para completar seu significado, assim, tem-se uma ENTIDADE, “Raquel” (primeiro argumento de IR) e sujeito da sentença, que realiza o movimento, e a TRAJETÓRIA que especifica o trajeto do movimento “em casa” (o SP é o segundo argumento / função-trajetória EM). A *função-trajetória* assume um *lugar* como argumento, e o LUGAR decompõe-se na *função-lugar* “em” com um argumento de ENTIDADE “casa” expresso pelo objeto da preposição. Nesse caso, o agente e a trajetória são argumentos da função IR, e o verbo mapeia as funções *lugar* e *trajetória* em uma construção biargumental.

De outra forma, para Pinker (1989), a representação lexical do verbo *entrar*, denominado pelo autor como *verbo de movimento inerentemente direcionado*, é elaborada como na figura abaixo, em estrutura arbórea:

**Figura 1** - Estrutura semântica da sentença “João entrou em casa”

<sup>8</sup> A proposta do autor apresenta as estruturas conceptuais: ENTIDADE, EVENTO, ESTADO, AÇÃO, LUGAR, TRAJETÓRIA, PROPRIEDADE e QUANTIDADE.

<sup>9</sup> Sintagma Preposicional.



Fonte: Pinker (1989, p.179)

Essa representação da estrutura semântica permite verificarmos que o verbo *entrar* expressa um EVENTO e o sintagma nominal (NP) é preenchido por “João”, a FIGURA que efetua o movimento. Nessa proposta, a estrutura semântica de *entrar* especifica a *direção* lexicalizada pelo verbo: *entrar* → *ir de fora para dentro*. Esse tipo de verbo especifica uma *direção* utilizando uma *função-trajetória*, ou uma combinação de uma *função-trajetória* e um *lugar*. Na sentença “João *entrou* em casa”, o verbo mapeia uma TRAJETÓRIA e um LUGAR, ambos indicados pela preposição “em”; e o *lugar* é expresso pela ENTIDADE “casa”.

A partir desses dois autores, podemos observar que os modelos de decomposição por primitivos são elaborados baseando-se em como o verbo seleciona seus argumentos e se realiza sintaticamente. Assim, em estruturas como as acima, com o elemento IR, bem como em outras construções com outros componentes como CAUSA, MODO<sup>10</sup> etc., os primitivos são funções que recebem argumentos.

Como visto em (2), a ENTIDADE realizou o *deslocamento* de um ponto X para um ponto Y: “Raquel *entrou*”. O exemplo permite verificar que a *trajetória* é relevante para a representação lexical do verbo *entrar*, pois codifica uma informação de “estrutura semântica”. Assim, verbos como *atravessar*, *subir*, *descer*, etc. têm em comum o significado de “deslocar-se de um ponto X para um ponto Y” e isso determina a forma como se realizam sintaticamente.

Para *verbos de movimento com trajetória*, portanto, a estrutura semântica codifica um *movimento* por uma *trajetória*, que é um elemento gramaticalmente relevante, mas a *direção* tomada para o movimento, isto é, se o sentido é *para fora*, *para dentro*, *para baixo* etc., não é relevante, pois essas são informações idiossincráticas de cada item lexical, são aspectos de *conteúdo semântico* mapeados pela raiz lexical e não compartilhados com os outros membros do grupo verbal.

É importante esclarecer que informações de *conteúdo semântico* não devem ser meramente desprezadas, mas não impactam na realização gramatical (expressão linguística). Sobre isso, Grimshaw (2005) explica que, se o conteúdo e a estrutura são diferentes, eles têm a capacidade de classificar-se de forma cruzada, pois se pode encontrar pares com conteúdo correspondente, mas com estruturas semânticas distintas. A autora discute sobre o par de verbos “blush” e “arrossire”. Grimshaw (2005, p. 77, tradução livre) afirma que “[...] os dois verbos parecem 'significar a mesma coisa', em certo sentido.”, embora classificados como verbo de mudança de estado (em italiano) e de processo (em inglês), e inergativo e acusativo, respectivamente. A autora sustenta que se trata de um caso de conteúdo semântico mapeado por duas estruturas alternativas, e que “A existência de tais exemplos fornece forte suporte para a separação de conteúdo e estrutura.” (GRIMSHAW, 2005, p. 77)

<sup>10</sup> Existem diferentes elementos primitivos, como veremos mais adiante.

Vimos, pois, que a estrutura semântica dos verbos de movimento com trajetória é definida como a informação de “movimento ao longo de uma trajetória”. Essa constatação nos dá indícios para acreditarmos que ambos os tipos de verbos podem ser representados pela mesma decomposição de predicado, já que a *direção*, por se referir ao conteúdo semântico do verbo, não seria um elemento gramaticalmente relevante, conforme mostram as estruturas de Jackendoff e Pinker e as discussões de Grimshaw.

A seguir, analisaremos a decomposição lexical dos verbos de movimento com trajetória do PB, com base e Rappaport-Hovav e Levin (2010), e como as informações lexicais são mapeadas pelas estruturas propostas. No que se refere aos *verbos de movimento com trajetória que não especificam direção*, serão verificados na seção subsequente.

## 5 Análise decomposicional dos verbos de movimento com trajetória do PB

Nesta seção, vamos observar se as raízes e predicados propostos por Rappaport-Hovav e Levin (2010) para a descrição lexical dos *verbos de movimento com trajetória* são adequados também para representação de verbos que não especificam a direção do movimento. Adicionalmente, veremos adiante que a proposta das autoras difere das anteriormente apresentadas, principalmente por permitir que o elemento RAIZ componha as estruturas.

Já esclarecemos que o *movimento com trajetória* é denotado por uma classe cuja estrutura semântica permite expressar *mudança de lugar*. Também, que verbos de movimento com trajetória do tipo de *subir* lexicalizam “[+MOVIMENTO, +TRAJETÓRIA, -DIREÇÃO]”, enquanto verbos do tipo de *atravessar* lexicalizam “[+MOVIMENTO, +TRAJETÓRIA, -DIREÇÃO]”, conforme apontado por Poll (2019). Embora haja uma distinção entre eles, o significado de *deslocamento físico* de uma *figura* por uma *trajetória* é especificado pela raiz, implicando *mudança de lugar físico* e, como se verifica, a diferença entre ambos reside na *direção especificada* ou *inespecificada*.

A representação do significado lexical dos *verbos de trajetória*<sup>11</sup> compõe as estruturas elaboradas por Rappaport-Hovav e Levin (2010, p. 24), expostas a seguir:

(4) *Regras de realização* (Rappaport-Hovav e Levin, 2010, p. 24, adaptado)

A) manner → [ x ACT<*MANNER*> ] (correr, ranger, assoviar, . . . )

B) instrument → [ x ACT<*INSTRUMENT*> ] (escovar, talhar, serrar, . . . )

C) container → [ x CAUSE [ y BECOME AT <*CONTAINER*> ] ] (enlatar, encaixotar . . . )

D) internally caused state → [ x <*STATE*> ] (enferrujar, florescer, apodrecer, brotar, . . . )

E) externally caused, i.e. result, state → [ [ x ACT ] CAUSE [ y BECOME <*RESULT-STATE*> ] ] ( Quebrar, secar, endurecer, abrir, . . . )

As estruturas em (4) são formadas pela combinação de predicados primitivos que definem um tipo de evento e incluem uma RAIZ que representa o significado do verbo. Rappaport-Hovav e Levin (2010), diferentemente dos autores vistos anteriormente, aplicam uma distinção entre um componente *idiossincrático* do significado verbal, a RAIZ, e um componente estrutural, que representa um “esquema de eventos”, que mapeia os tipos de eventos possíveis para codificação linguística. A estrutura de eventos é representada por ACT, CAUSE e BECOME. Nas representações de (C-E), as raízes são incluídas nos esquemas de eventos como argumentos, e em (A-B) funcionam como modificadores de predicados. As raízes estão em itálico e colchetes angulares, como <*STATE*>, e quando atuam como modificadores elas são subscritas, como <*MANNER*>. Ainda, essas regras expressam a

<sup>11</sup> A regra em (5) se relaciona com os verbos de trajetória.



complementariedade modo/resultado<sup>12</sup> que as autoras defendem, mas que não vamos detalhar, pois está além do escopo deste trabalho.

A partir das explanações anteriormente apresentadas, podemos concluir que a informação lexical *default* para a interpretação dos verbos de movimento com trajetória do tipo de *subir* e do tipo de *atravessar é mudança de lugar*. Contudo, as estruturas elaboradas por Rappaport-Hovav e Levin (2010, p. 24), não incluem a informação de *lugar resultante*, efeito do *deslocamento por uma trajetória*, conforme se verifica especificamente na regra (E), em que é apresentada a decomposição lexical dos verbos de movimento com trajetória. A regra de (E) envolve o predicado BECOME e uma raiz de *resultado*. Contudo, a representação não exhibe a informação lexical básica dos verbos de movimento com trajetória que é *lugar resultante*.

E) externally caused, i.e. result, state → [[ x ACT ] CAUSE [ y BECOME <RESULT-STATE>]] ( Quebrar, secar, endurecer, abrir, . . . )

Cambrussi (2017) elabora um estudo em que verifica uma simetria de comportamento entre os verbos de movimento *direcionado* (verbos de movimento com trajetória) e de *mudança de estado* no que tange à causatividade. A autora detalha que ambos os tipos de verbos podem participar da alternância causativa, e sustenta que há um operador causal primitivamente associado à mudança de estado e de *localização* e defende a inclusão de verbos de mudança de estado e de verbos de movimento com trajetória em uma única classe, a dos verbos de *resultado*, pois ambos os grupos de verbos denotam causalidade e eventualidades compostas por subeventos causais, contudo, a autora assegura que as representações devem diferenciar as raízes de *lugar resultante* e *estado resultante*.

Diferentemente da autora, não estamos considerando os verbos de movimento com trajetória causativos. Contudo, esses verbos entram em uma estrutura complexa que pode envolver um subevento causal como visto em (E). A nossa posição converge com a da pesquisadora na inclusão de um *lugar resultante* <RESULT-PLACE> na representação lexical da classe, como se observa abaixo, em (6), pois, se a classe denota *resultado*, e sendo essa a informação lexicalizada, deveria compor as estruturas, tornando a representação mais apropriada.

(6) [[ x ACT<MANNER> ] CAUSE [ x BECOME AT<RESULT-PLACE> ]]  
(CAMBRUSSI, 2017, p. 1746)

Rappaport-Hovav e Levin (2010, p. 24), a partir dos postulados sobre mudança escalar e não-escalar e a noção de *resultado* expressa por verbos de trajetória, propõem a estrutura a seguir para a descrição de toda a classe dos verbos de *resultado*.

(7) [[ x ACT ] CAUSE [ y BECOME <RESULT-STATE>]]

Tanto o significado dos verbos de *mudança de estado* quanto dos verbos de movimento com trajetória, que codificam um *resultado*, são representados pela estrutura em (7); a RAIZ representada por <RESULT-STATE> codifica estado e resultado. Nessa estrutura, verbos de movimento com trajetória expressam *uma figura que muda sua localização espacial*. É uma estrutura complexa, pois mapeia dois subeventos que estão relacionados pelo primitivo CAUSE, e codifica dois argumentos para serem saturados. O primitivo CAUSE

<sup>12</sup> A complementariedade modo/resultado é uma restrição que surge da maneira pela qual os significados lexicalizados estão relacionados a esquemas de eventos. Nesse sentido, um único item lexical não poderia apresentar os significados de modo e resultado concomitantemente devido à restrição imposta pela raiz verbal.

indica um evento causativo, igual a “x age e causa um evento resultante em que y muda de estado”:

(8)

a) Joana *cortou* a árvore. (*resultado* → mudança de estado da figura afetada)

b) Diego *abriu* a janela. (*resultado* → mudança de estado da figura afetada)

A regra acima relaciona eventos externamente causados de *mudança de estado* e de *mudança de localização* (altera-se a configuração espacial), e ainda os eventos não causativos. Assim, o subevento de *mudança de localização*, não causativo, é efetuado por uma *figura que realiza o movimento e sofre deslocamento*:

(9)

a) Diego *subiu* a Serra da Mantiqueira. (*resultado* → mudança de localização da figura)

b) Joana *entrou* na cozinha. (*resultado* → mudança de localização da figura)

Da perspectiva de um evento simples, com um subevento relacionado, neste caso BECOME, uma *figura se desloca e resulta em um lugar novo*. Acreditamos que a regra de representação deva incluir a noção de *mudança de lugar*, igualmente indicado por Cambrussi (2017) como <RESULT-PLACE>. Mas por que essa raiz deveria compor a representação? Porque a interpretação de *mudança de localização espacial* é codificada por todos os verbos que compõem a classe de verbos de movimento com trajetória, assim, a inclusão dessa RAIZ codifica a informação *ontológica*, que é de *estrutura semântica* da classe dos *verbos de movimento com trajetória*. Do modo como foi proposto por Rappaport-Hovav e Levin (2010), a representação relaciona *estado* e *resultado*, mas a informação específica de *lugar resultante* não é contemplada.

Uma estrutura capaz de capturar as informações lexicalizadas pelos verbos de resultado em uma estrutura complexa, que comporta os verbos de movimento com trajetória, poderia ser representada como abaixo, apresentada por Cambrussi (2017):

(10) [[ x ACT ] CAUSE [ x BECOME AT <RESULT-PLACE>]]

A estrutura de (10) mapeia um evento que codifica dois subeventos relacionados pelo primitivo CAUSE e inclui os verbos de movimento com trajetória sem causação externa, que estamos estudando. A estrutura simples, sem o predicado CAUSE, seria então:

(11) [x BECOME AT <RESULT-PLACE>]

Em (11) a estrutura codifica a informação expressa por *verbos de movimento com trajetória* como *subir, entrar, sair*, entre outros, e representa uma ENTIDADE que se desloca, e a mudança de localização é expressa pelo primitivo BECOME, que resulta em *mudança de localização expressa e codificada pela raiz*. A RAIZ de *resultado* é uma raiz semântica que codifica um *lugar resultante* e especifica o significado idiossincrático de cada verbo. Quando nos referimos ao “significado específico do verbo (idiossincrático)”, não estamos afirmando que cada verbo terá um significado único e integralmente diferente dos demais<sup>13</sup>, pois há

<sup>13</sup> Agradecemos ao/à parecerista *ad hoc* por destacar que a análise não considerou manifestações polissêmicas ou mesmo mudanças semânticas que poderiam afastar o significado verbal de sua raiz. O/A avaliador(a) pontua que uma abordagem por campos semânticos cognitivamente relacionados, como proposta por Ray Jackendoff, poderia ser adequada para esse aspecto da análise por oferecer um tratamento semântico tanto para os

verbos que podem denotar conteúdos sobrepostos relacionados à trajetória, mas distintos quanto ao modo, como *subir* e *escalar* que expressam ‘ir para cima’, e *descer* e *cair* que expressam ‘ir para baixo’.

Nessa perspectiva, a raiz semântica codifica um *lugar* e um *resultado*, como se pode verificar na exemplificação em (12), abaixo. A estrutura de eventos proposta por Rappaport-Hovav e Levin (2010) permite que a RAIZ semântica entre na representação, codificando a informação idiossincrática do verbo. Também, conforme discutimos anteriormente, a informação gramaticalmente relevante mapeada pela estrutura semântica da classe que estamos estudando é o *deslocamento de um ponto X para um ponto Y*, com um *lugar resultante*. Portanto, a informação que está dentro dos colchetes angulares especifica o sentido idiossincrático do verbo, mas codifica uma informação que é de estrutura semântica, isto é, a informação de *mudança de localização espacial*. Deste modo, o *lugar resultante* de *entrar* é ‘dentro’, de *sair* é ‘fora’, e de *subir* é ‘em cima’, contudo, é a *estrutura semântica* desses verbos que determina sua integração nessa representação, e não suas propriedades idiossincráticas. Ainda, no caso dos verbos que codificam resultado, a raiz é integrada no esquema de evento como argumento, em consonância com Rappaport-Hovav e Levin (2010).

(12) Lugar resultante →

a) *entrar*: [x BECOME AT <DENTRO>]

b) *sair*: [x BECOME AT <FORA>]

c) *subir*: [x BECOME AT <EM CIMA>]

A partir da discussão realizada, concluímos que a inclusão de uma posição na representação lexical que codifique um *lugar resultante* permitiria distinguir o *tipo de resultado* codificado pela raiz lexical, já que ambas são integradas em uma estrutura de evento que exprime os resultados de mudança de estado e de localização, além do subevento representado pelo primitivo CAUSE. E quanto aos verbos do tipo de *atravessar*? Poderiam ser descritos por essa mesma representação? Discorremos a seguir.

## 6. Verbos do tipo de *atravessar* na estrutura [X BECOME AT <RESULT-PLACE>]

O estudo desenvolvido até aqui mostra que há uma distinção entre os verbos do tipo de *subir* e os verbos do tipo de *atravessar* em razão da lexicalização de *deslocamento de um ponto X para um ponto Y* por ambos os tipos de verbos, mas que diferem quanto à lexicalização de direção que, para *os verbos do tipo de subir* é especificada pela raiz lexical e para *os verbos do tipo de atravessar* não é especificada. Além disso, postulamos que o significado lexical dos verbos do tipo de *subir* poderia ser mais bem representado em uma estrutura que inclua a raiz <RESULT-PLACE> na estrutura de representação, pois verbos desse tipo são agrupados entre os *verbos de resultado* e a categoria ontológica da RAIZ não é diferenciada no que tange à *mudança de lugar*.

Assumimos que a representação lexical considera os aspectos de significado atrelados à *estrutura semântica*, ou seja, gramaticalmente relevantes. Também assumimos que há equivalência de componentes semânticos lexicalizados por ambos os tipos de verbos, exceto no que se refere à lexicalização de *direção*. Entretanto, se verbos do tipo de *subir* e do tipo de *atravessar* codificam informações diferentes sobre a direção do movimento – *especificada x inespecificada*, como deve ser a representação lexical dos verbos do tipo de *atravessar*?

Para responder a questão, utilizaremos alguns dados da classe verbal delimitada por Poll (2019). A autora classificou 71 verbos como pertencentes à *subclasse com direção inespecificada*, e também disponibilizou um apêndice com 361 verbos de movimento com *direção especificada* do PB; as duas classes juntas compõem o que a autora denomina de *classe geral dos verbos de trajetória do PB*, totalizando 432 verbos.

O Quadro 1, a seguir, ilustra os *verbos de movimento com trajetória que não especificam direção* do PB, catalogados por Poll (2019), a partir da identificação de raiz de movimento, seguida de trajetória *especificada* ou *inespecificada*.

**Quadro 1** – Subclasse de verbos movimento com trajetória que não lexicalizam direção

acamboar, acurvar, afastar, angular, apartar, atravessar, averter, azangar, bandear, cabecear, cambar, confluir, cortar, cruzar, curvar, desatruvessar, descentralizar, descentrar, descruzar, desnortear, despassar, desviar, discorrer, distanciar, dobrar, driblar, encruzar, encruzilhar, engambitar, entrecruzar, espriair, fastar, fender, fluir, franquear, inambular, obliquar, partir, passar, pertransir, pervagar, podar, quebrar, rasgar, recruzar, recurvar, ricochetar, ricochetear, romper, sulcar, tombar, tornejear, tranar, trançar, transcender, transcorrer, transcursar, transfixar, transgredir, transir, transitar, transnadar, transpassar, transpor, traspassar, travessar, trespassar, ultrapassar, vadear, varar, vazar.

Fonte: Poll (2019).

Todos esses verbos foram classificados como *verbos de movimento com trajetória que não especificam direção*, pois mapeiam informações de *deslocamento por uma trajetória*, mas a direção tomada para o movimento mantém-se inespecífica. A seguir, retomamos *atravessar* e *cruzar* em contexto já discutido:

(13) Joana *atravessou* o Canal da Mancha.

(14) Joana *cruzou* o Canal da Mancha.

Examinando as sentenças (13) e (14), seguindo-se a leitura de Rappaport-Hovav e Levin (2010), quando as autoras analisam o verbo *cruzar*, corroboramos a interpretação de que a travessia ou o cruzamento do Canal da Mancha por Joana pode ter sido realizada para qualquer direção “da França para a Inglaterra” ou “da Inglaterra para a França”; essa informação segue inespecífica nas sentenças que, sem adjunção que possa precisar a direção do movimento, também não podem contar com a definição direcional lexicalizada pelos verbos de movimento *atravessar* e *cruzar*.

As autoras atribuem essas diferenças de lexicalização de direção especificada ou inespecificada às mudanças escalares e às mudanças não-escalares. Segundo elas, verbos do tipo de *atravessar* (mudança não-escalar), não possuem *direção* lexicalmente marcada porque, apesar de especificarem *deslocamento ao longo de uma trajetória com um ponto de referência*, não exprimem uma ordenação dos pontos ao longo de um caminho (o movimento pode ser realizado para qualquer lado, em qualquer direção etc.). Diferentemente, *subir* codifica uma escala de múltiplos pontos, do tipo aberta (não delimitada), com uma direção de ordenação associada contra a gravidade. Assim, *subir* expressa *deslocamento para um ponto acima no espaço físico*; com *entrar* a codificação é em uma escala limitada de dois pontos que expressa *alcançar um determinado ponto em uma trajetória*.

Apesar dessas distinções, asseguramos que há semelhança lexical entre os verbos do tipo de *subir* e do tipo de *atravessar*, que está na lexicalização de *mudança de lugar físico*, ou seja, expressam um *lugar resultante*. Quanto às escalas, *cruzar* e *atravessar* lexicalizam

mudanças não-escalares, mas o significado desses verbos é similar ao de verbos do tipo de *subir*, pois codificam um movimento por uma trajetória que é de *um ponto X para um ponto Y*, contudo, a direção não é especificada no item lexical e, como visto na seção 2, a informação gramaticalmente relevante é aquela atrelada à estrutura semântica da classe verbal.

(15) Joana *vadeou* o Canal da Mancha.

(16) Joana *desviou* do Canal da Mancha.

(17) Joana *passou* o Canal da Mancha.

Os verbos que compõem as sentenças de (15-17) têm em comum o sentido de *direção inespecificada*, ou seja, não lexicalizam totalmente a direção do movimento, mas codificam a informação de *deslocamento por uma trajetória*. Semanticamente, verbos do tipo de *subir* e verbos do tipo de *atravessar* mapeiam informações que estão marcadas no léxico sobre *deslocamento por uma trajetória*. E, tendo em vista que a RAIZ codifica a informação idiossincrática do verbo, isto é, seu significado individual, avaliamos que tanto os verbos do tipo de *subir* como do tipo de *atravessar* podem ser representados pela mesma estrutura. O contraste entre *lexicalização de direção* ou *não lexicalização de direção* pode ser considerado como uma distinção de conteúdo semântico (idiossincrático), se levarmos em conta que verbos do tipo de *atravessar* codificam [-DIREÇÃO] e verbos do tipo de *subir* codificam [+DIREÇÃO]. Nesse sentido, a informação de *lugar resultante* persiste, e é esse elemento (de estrutura semântica) que é capturado pelas regras de representação propostas por Rappaport-Hovav e Levin (2010). Nesse sentido, os dois tipos de verbos podem ser representados pela mesma estrutura de evento com uma RAIZ ontológica de “resultado”, que seleciona um verbo de *resultado*. Essa generalização é possível, pois ambos os tipos de verbo implicam *deslocamento por uma trajetória* e codificam um *lugar resultante*.

Para ilustrar essa possibilidade, em (18a-b), abaixo, os verbos *atravessar* e *afastar(se)* são empregados em sentenças que mostram a expressão de *lugar resultante*. Nas duas sentenças, os verbos empregados indicam que há o *deslocamento de uma figura por uma trajetória que resulta em um lugar novo*: ocorre a *mudança de localização espacial da figura*.

(18) [x BECOME AT <RESULT-PLACE>]

a) Diego *atravessou* a rodovia.

b) Joana *afastou-se* da casa.

Em (18-a), “Diego” desloca-se obtendo um lugar resultante “outro ponto transversal ou longitudinal [da rodovia]”; e em (18-b) o lugar resultante é “um lugar longe [da casa]” para onde “Joana”, a figura, desloca-se. Assim, verificamos que *atravessar* e *afastar-se* codificam *movimento por uma trajetória com mudança de localização*.

Os exemplos permitem inferir que a regra pode ser generalizada para ambos os tipos de verbos. Para assegurar nosso posicionamento, esclarecemos que a investigação de Rappaport-Hovav e Levin (2010), sobre os *verbos de movimento com trajetória*, postula que essa classe apresenta diferenças quanto à lexicalização de *direção*. As pesquisadoras incluem entre os *verbos de movimento com trajetória* os verbos *chegar*, *partir*, *entrar*, *sair*, *deixar*, *alcançar*, *recuar* e *retornar*, que, segundo elas, determinam a direção com relação a um objeto de referência. Verbos como *ir* e *vir*, que não lexicalizam totalmente a direção, mas, podem ter seu sentido completado de forma dêitica, ou por algum outro constituinte da sentença ou do contexto, também são incluídos entre os *verbos de movimento com trajetória*.

Esses apontamentos se tornam relevantes porque as pesquisadoras mostram que existem diferenças quanto à lexicalização de *direção* entre esses verbos; elas mesmas afirmam

que é possível comparar os verbos *chegar* x *entrar*, e *sair* x *partir*, para compreender diferenças de lexicalização de direção. Enquanto *entrar* codifica direção com relação a um objeto de referência, por exemplo, “ir para dentro de algum lugar”, *chegar* codifica direção de outra forma “atingir uma área predeterminada”; *sair* codifica “ir para fora de algum lugar”, e *partir* “afastar-se de uma área predeterminada”.

Podemos constatar que todos esses são *verbos de trajetória*, pois possuem em sua estrutura semântica a informação de movimento com deslocamento, ou seja, “ir de um ponto X para um ponto Y”, e todos implicam *mudança de lugar*, tomando um fundo como referência. Para elucidar, estamos afirmando que verbos do tipo de *atravessar* codificam informações de movimento com direcionamento, mas não especificam a direção do movimento.

Na estrutura de representação lexical proposta, as autoras consideram que verbos como *ir* e *vir*, *chegar* e *partir* podem ser representados da mesma forma, e isso ocorre em razão da estrutura semântica desses verbos, ou seja, pela forma como esses verbos se realizam sintaticamente e pelo seu significado. A informação generalizada para todos é a de lexicalização de MOVIMENTO e TRAJETÓRIA com um *lugar resultante*, e o mesmo é lexicalizado pelos verbos do tipo de *atravessar*. Deste modo, consideramos que essa classe define verbos que estão relacionados por uma *estrutura semântica geral* (POLL, 2019), e que se refere ao *deslocamento por uma trajetória*, mas que diferem quanto à determinação de direção. Assim, a informação lexical denotada por todos esses verbos é a de “partida de um ponto X para outro ponto Y”.

Outra constatação que se torna muito importante é de que verbos de movimento com trajetória lexicalizam direção de diferentes formas. Como visto em (18b), *afastar-se* exprime *mudança de lugar*, apesar de lexicalizar apenas a *origem* do movimento; verbos como *subir* e *entrar* denotam um movimento completamente direcionado, que é *deslocamento* com *origem* + *meta*; e verbos como *atravessar* e *cruzar* mapeiam informações de movimento direcionado mas não determinam a *origem* nem a *meta* do movimento.

Além disso, é explícita a diferença do que concebemos, com base em Poll (2019), como *verbos de movimento com trajetória que especificam direção*, pois, dos verbos citados por Rappaport-Hovav e Levin (2010), *chegar*, *partir*, *entrar*, *sair*, *deixar*, *alcançar*, *recuar* e *retornar*, para nós, *partir* é um verbo pertencente à subclasse dos verbos do tipo de *atravessar*, já que lexicaliza apenas a *origem* do movimento e não a *meta*, e, conforme ilustramos na seção 2, verbos com *origem* + *meta* especificados no item lexical seriam verbos com direção lexicalmente determinada.

Percebemos, ainda, que as autoras não definem o que consideram como direção lexicalizada, por isso, classificam os *verbos que expressam trajetória com um lugar resultante* como de *movimento inerentemente direcionado*. Entretanto, como já apontamos, *verbos de trajetória* lexicalizam direção de diferentes formas: há verbos que determinam o ponto de *origem* + *meta*, há alguns que determinam somente o ponto de *origem*, outros determinam apenas o ponto *meta*, e aqueles que lexicalizam movimento direcionado por uma trajetória, mas não determinam nem o ponto de *origem* nem o ponto *meta*.

Podemos inferir, portanto, que a classe dos verbos de movimento com trajetória pode ser subdividida, genericamente, em verbos com *direção especificada* e com *direção inespecificada*. Essa percepção indica que “a classe dos *verbos de movimento com trajetória* é heterogênea quanto à lexicalização de direção” (POLL, 2019, p. 123), já que os itens lexicais que formam a classe lexicalizam DIREÇÃO de formas distintas, entretanto, ainda assim, denotam um *lugar resultante*, efeito do *deslocamento no espaço físico*.

**Quadro 2:** Tipos de direção do movimento lexicalizados por verbos de trajetória

Tipo de direção do movimento	Verbo prototípico
<b>Movimento com direção especificada</b> Movimento de um ponto determinado para outro ponto determinado;	<b>Subir</b> “ir de um ponto baixo para um ponto alto”
<b>Movimento com direção inespecificada</b> Movimento a partir de um ponto determinado para um ponto indeterminado;	<b>Afastar(-se)</b> “ir de um ponto determinado para um ponto Y”
<b>Movimento com direção inespecificada</b> Movimento de um ponto indeterminado para um ponto determinado;	<b>Confluir<sup>14</sup></b> “ir de um ponto X para um ponto determinado”
<b>Movimento com direção inespecificada</b> Movimento com direcionamento, sem ponto de origem e ponto de meta determinados.	<b>Atravessar</b> “ir de um ponto X para um ponto Y”

Fonte: Poll (2019).

O Quadro 2 ilustra as diferentes possibilidades de lexicalização de direção expressas por verbos de trajetória, em conformidade com os resultados obtidos por Poll (2019). Essa súmula de significados possíveis evidencia uma das principais asserções da decomposição lexical em primitivos, de que apenas alguns dos aspectos do significado lexical têm relevância gramatical. Assim, verifica-se que os significados individuais dos verbos de trajetória, no que tange à lexicalização de *direção especificada* ou *não especificada*, podem ser representados pelo elemento idiossincrático de significado, definindo o significado do item lexical individualmente, já que os dois tipos pertencem a uma mesma classe verbal que expressa *deslocamento por uma trajetória (ir de um ponto X para um ponto Y)*.

Nessa perspectiva, a semelhança de significado pode ser apreendida pela estrutura, pois a informação primitivamente semântica expressa pela classe, o *lugar resultante*, é a informação capturada pela estrutura de representação desses verbos. Deste modo, consideramos que verbos do tipo de *subir*, assim como verbos do tipo de *atravessar*, podem ser representados pela mesma estrutura de eventos, com a inclusão da RAIZ <RESULT-PLACE> para codificar a informação de *lugar resultante* expressa pela estrutura semântica da classe verbal.

## 7 Conclusões

A descrição do comportamento gramatical dos *verbos de movimento com trajetória que não especificam direção* mostra que verbos do tipo de *subir* e do tipo de *atravessar*, embora apresentem distinções quando à lexicalização de *direção*, podem ser representados pela mesma estrutura de representação lexical, pois ambos os tipos estão relacionados por uma *estrutura semântica geral*: informação de *deslocamento por uma trajetória com um lugar resultante*. Além disso, a investigação apontou que os verbos de movimento com trajetória lexicalizam direção de maneiras distintas, o que nos dá suporte para afirmar que essa é uma classe verbal heterogênea no que se refere à lexicalização de direção.

Para concluir, defendemos que a informação de *mudança de localização* expressa pela raiz deveria ser incluída na representação dos verbos de movimento com trajetória, codificando a informação de *lugar resultante* <RESULT-PLACE>. Podemos assegurar essa posição já que, como visto, nem todos os componentes de significado são gramaticalmente relevantes. Portanto, pode ser o caso de que a *direção especificada* ou *não especificada* não

<sup>14</sup> A acepção básica de *confluir* é “ir para um mesmo ponto”. Baseado em Ferreira (2010, p. 555)

impacta na representação lexical dos verbos de movimento com trajetória, como ilustram os resultados obtidos, pois a direção, aparentemente, não seria uma propriedade gramaticalmente relevante. Com isso, nossa hipótese se confirma, pois é possível formalizar uma generalização no que se refere à representação lexical dos verbos de trajetória do PB, já que, tanto os verbos do tipo de *subir* quanto verbos do tipo de *atravessar*, embora se diferenciem na lexicalização de direção, apresentam comportamento gramatical equivalente, determinado por sua estrutura semântica (deslocamento de um ponto x para um ponto y).

### Referências

- CAMBRUSSI, M. Estrutura linguística e estrutura conceitual: interpretação escalar de um subevento causal. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 14, n.1, Jan.- mar. /2017, p. 1735-1748, 2017.
- CAMBRUSSI, M.F.; POLL, T.V.H. A verificação semântica de especificação de trajetória para verbos de movimento direcionado – os testes de adjunção e de paráfrase. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v.17, n. 1 , p.4357 - 4375, jan./mar. 2020.
- GRIMSHAW, J. **Words and structure**. Stanford: CSLI, 2005.
- JACKENDOFF, R. **Semantic Structures**. Cambridge: The MIT Press, 1990.
- LEVIN, B. **English verb classes and alternations**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. **Unaccusativity**. Cambridge (Mass.): The MIT Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Argument Realization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- POLL, T, V, H. **Comportamento sintático-semântico de verbos de movimento com trajetória no português brasileiro** – subclasse verbal com direção não especificada. 2019. 163f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019.
- TALMY, Leonard. Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms. In: SHOPEN, Timothy (ed.). **Language Typology and Syntactic Description**. Grammatical Categories and the Lexicon. Vol. III. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 57-149.
- TALMY, L. **A Toward a Cognitive Semantics**. v.2. Cambridge: The MIT Press, 2000.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

Recebido em 30/10/22

Aceito em 24/11/22